

A MOTIVAÇÃO SEXUAL DOS ADOLESCENTES: INFLUÊNCIA DOS FATORES SOCIODEMOGRÁFICOS

TEENAGERS SEXUAL MOTIVATION: INFLUENCE OF SOCIO-DEMOGRAPHIC FACTORS

VERA CRISTINA MADEIRA OLIVEIRA ¹

PAULA NELAS ²

GRAÇA APARÍCIO ²

JOÃO DUARTE ²

¹ Enfermeira Especialista em Enfermagem de Saúde Infantil e Pediatria no ACES Cova da Beira – Centro de Saúde do Fundão – Portugal. (e-mail: madeirav@gmail.com)

² Docente da Escola Superior de Saúde e investigador(a) do Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde (CI&DETS) do Instituto Politécnico de Viseu – Portugal. (e-mail: pnelas@gmail.com; gaparicio5@hotmail.com; duarte.johnny@gmail.com)

Resumo

Enquadramento: A sexualidade, presente ao longo da vida, na adolescência adquire novos contornos. O início da atividade sexual pode ser considerado um dos momentos com maior impacto na vida do adolescente, tornando-se, assim, importante conhecer as motivações que estão na base da decisão de iniciar ou não a atividade sexual.

Objetivo: Foi objetivo deste trabalho identificar as variáveis sociodemográficas que influenciam a motivação dos adolescentes para fazer ou não fazer sexo.

Métodos: Trata-se de um estudo de análise quantitativa, não experimental, com características de estudo descritivo e correlacional. A amostra é não probabilística por conveniência, constituída por 545 adolescentes (262 rapazes e 283 raparigas), com uma média de idade de 13,95 anos ($Dp=1,25$), a frequentar o 3º ciclo do ensino básico de quatro agrupamentos de escolas, três do concelho do Fundão e uma do concelho de Tabuaço (53,1% residentes em aldeias). O protocolo de avaliação incluiu um questionário, que possibilitou, numa primeira parte, fazer a caracterização sociodemográfica e da experiência sexual da amostra e, numa

segunda parte, identificar as motivações dos adolescentes para ter sexo, utilizando para o efeito a “Escala de motivação para fazer ou não fazer sexo” (Leal & Maroco, 2010).

Resultados: O estudo revelou haver diferenças estatísticas entre o sexo e a motivação dos adolescentes para fazer ou não fazer sexo ($p=0,000$). Os rapazes são os que se apresentam mais motivados para fazer sexo por motivos de *hedonismo e saúde*, e a não fazer sexo por *medo, conservadorismo/desinteresse* e porque *é imoral*. De referir que a motivação das raparigas está relacionada com a *interdependência relacional*. Também a escolaridade se associou de forma significativa com a motivação sexual dos adolescentes ($p=0,001$).

Conclusão: Os resultados evidenciam que quer o sexo quer a escolaridade influenciam a motivação dos adolescentes para fazer ou não fazer sexo. Identificar as causas que determinam as opções dos adolescentes neste âmbito permitirá aos pais e profissionais desenvolver estratégias de intervenção dirigidas às reais necessidades dos adolescentes.

Palavras-chave: adolescentes; adolescência; sexualidade; motivação; sexo.

Abstract

Background: Sexuality, present through life, acquires new dimensions in adolescence. The onset of sexual activity can be considered one of the moments with the greatest impact on teenage life, becoming thus important to know the motivations that underlie the decision to initiate sexual activity or not.

Objectives: The aim of this study was to identify sociodemographic variables that influence adolescents' motivation to do or not to do sex.

Methods: This is a study of quantitative analysis, not experimental, with characteristics of a descriptive and correlational study. The sample is non-probability by convenience, consisting of 545 adolescents (262 boys and 283 girls) with a mean age of 13.95 years old ($SD = 1.25$), who attend the 3rd cycle of basic education of four groups of schools, three in the county of Fundão and one in the county of the Tabuaço (53.1% living in villages). The evaluation protocol includes a questionnaire which in first part allowed making the sociodemographic and sexual characterization of

the sample and, in a second part, to know the motivations of teenagers to have sex, using for this purpose the "Scale of motivation to have or not to have sex" (Leal & Maroco, 2010).

Results: The study revealed statistical differences between gender and motivation of adolescents to have sex or not ($p = 0.000$). The boys are the ones that appear more motivated to have sex for reasons of *health and hedonism*, and not have sex for *fear, conservatism/disinterest* and because it is *immoral*. It should be noted that the motivation of girls is related to the relational interdependence. Also the schooling proved to be a statistically significant variable in relation to adolescent sexual motivation ($p=0.0001$).

Conclusion: The results show that sex and education influence the motivation of adolescents to have sex or not. Knowing the factors that influence the motivation of adolescents to have sex or not, allows parents and professionals develop intervention strategies targeted to the real needs of adolescents.

Keywords: adolescents, adolescence, sexuality, motivation, sex.

Introdução

Vivemos numa sociedade em que somos diariamente confrontados com referências de cariz sexual. No entanto a sexualidade continua a ser um tabu, dando-se ênfase ao que nela é negativo, relegando para segundo plano o que é biológico e psicologicamente positivo, o amor, o prazer, a convivência, a família e a própria sobrevivência humana (Borges & Fugimori, 2009). E, contudo, o despertar da sexualidade faz parte do ser humano e do normal desenvolvimento do adolescente.

A sexualidade está presente desde o nascimento e prolonga-se até ao fim da vida do ser humano. O seu desenvolvimento varia de indivíduo para indivíduo, tendo por base as características fisiológicas, as interações socioculturais, fatores educacionais, éticos e religiosos. A sexualidade é um aspeto fundamental da vida humana, possuindo pelo menos seis dimensões: física, psicológica, espiritual, social, económica e cultural. Esta não pode ser compreendida sem referência ao sexo e a sua diversidade é uma característica fundamental, pois que as regras que regem a sexualidade diferem amplamente entre culturas e dentro de uma mesma cultura.

De acordo com a OMS, *apud* Reis & Matos (2008:71), é “uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura, intimidade, que se integra no modo como nos

sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual, ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, e por isso influencia também a nossa saúde física e mental”. Sendo assim, poder-se-á dizer que a sexualidade é ainda uma componente fundamental do relacionamento afetivo, referindo-se ao modo como cada um se relaciona consigo próprio e com os outros, na procura de afeto (Nodin, 2002). Tendo por base estas considerações, relativas às definições da sexualidade e às dimensões que esta encerra, percebemos que a mesma não se limita à reprodução, sendo muito mais abrangente, emergindo na vida afetiva, social e psíquica, nos papéis sexuais, nas relações interpessoais, nas destrinças e estereótipos ligados ao género ou à opção sexual (Nelas, Fernandes, Ferreira, Duarte & Chaves, 2010). A sexualidade é também um aspeto importante na adolescência, dado que é nessa fase da vida que se desenvolve a identidade sexual, ocorrendo um importante processo transformacional. É neste período que se inicia a consciencialização da sexualidade, surgindo um enorme número de dúvidas relativamente ao sexo.

A adolescência é por definição um período de desenvolvimento e de crescimento, logo deve ser considerada como um tempo de mudanças e de transformações (Marques, 2009). Durante esta etapa, o adolescente sofre múltiplas e profundas transformações de natureza física, cognitiva, afetiva e psicossocial, ao nível da construção da identidade e do raciocínio mental. Confronta-se diariamente com uma confusão e inconstância de sentimentos, interrogando-se sistematicamente sobre a normalidade das suas emoções (Fonseca, 2005). De todas as transformações, são as relacionadas com a procriação e com as alterações do sistema reprodutor as mais drásticas. O processo de maturação sexual termina-se num período relativamente curto. O adolescente é confrontado com a sua capacidade reprodutora através do aparecimento da primeira ejaculação nos rapazes e da menarca nas raparigas. (Sprinthal & Collins 2008, apud Nelas, Fernandes, Ferreira, Duarte & Chaves, 2010). É na adolescência que se vivenciam os processos de descoberta mais íntima do outro e se estabelecem novos vínculos afetivos (Nelas, Fernandes, Ferreira, Duarte & Chaves, 2010). Também, o interesse pelo sexo oposto aumenta e os adolescentes enfrentam desafios ao lidar com sentimentos e experiências sexuais de aprendizagem e ao tentar ordená-los de forma apropriada, aventurando-se, desta forma, num projeto de vida adulta.

Os vínculos afetivos dos adolescentes são construídos desde a mais tenra idade, nas suas primeiras relações. Quando não há apoio e cuidado, a criança transforma-se numa pessoa emocionalmente ávida de afeto e não confia no mundo que a rodeia. Quem nunca se sentiu amado, não aprende a amar, e isso repercute-se intensamente na adolescência, quando o jovem não consegue submeter-se às normas sociais, pois não acredita nelas, não tem confiança que a sociedade lhe possa proporcionar bem-estar (Taquette, 1997).

O namoro, iniciado na adolescência, é uma relação afetiva íntima entre duas pessoas. Nele existe algum grau de compromisso entre os intervenientes. O envolvimento sexual pode ou não estar presente, no entanto, ainda que possa não existir inicialmente, a tendência é para que, com o evoluir da atração e da relação, aumente o nível de intimidade física entre os parceiros (Nodin, 2002). A atração é um sentimento de afinidade e interesse desenvolvido relativamente a alguém. É semelhante ao desejo, no entanto, pode não ter uma conotação sexual. O desejo é consequência de uma forte atração entre duas pessoas, podendo levar a um envolvimento sexual, se ambos assim o quiserem (Nodin, 2002). Pelos 14 anos o adolescente sente atração sexual, podendo esta evoluir ou não para um envolvimento mais íntimo, no entanto há evidências de que os rapazes desenvolvem o sentido de atração sexual mais precocemente que as raparigas (Branca, 2007). Como referido por Rodrigues (2009), à medida que as crianças entram na adolescência, os pares assumem um papel mais importante em termos de companheirismo e a intimidade intensifica-se.

O momento de iniciar a atividade sexual pode ser considerado o momento que tem mais impacto na vida do jovem e seguramente vai acompanhá-lo por toda a sua existência. Por ser um momento tão marcante é importante conhecer quais as motivações que estão na base da decisão de iniciar ou não a atividade sexual. Essa motivação e o momento em que ela se concretiza permanecem pouco esclarecidos, contudo reconhece-se que o início da vida sexual é uma fase crítica para a promoção da saúde sexual e reprodutiva, nomeadamente para a prevenção de infeções sexualmente transmissíveis e de gravidez indesejada. Estudos recentes revelam que fatores socioculturais assumem um papel mais determinante para o início da atividade sexual, do que os fatores psicológicos/individuais.

Motivação para fazer ou não sexo

O conceito de motivação está intimamente ligado à ação, ou seja, é tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a uma propensão a um comportamento específico, podendo este impulso à ação ser provocado por um estímulo externo ou também ser gerado internamente nos processos mentais do indivíduo (Chiavenato, 1999, *apud* Tadin, Rodrigues, Dalsoquio, Guabiraba, & Miranda 2005).

A motivação sexual humana possui características invulgares. Nos animais falamos de motivação sexual como um instinto sexual. Nos humanos a motivação sexual é influenciada para além do instinto sexual, por uma panóplia complexa de diversos fatores. De entre eles destacamos os fatores hormonais, cognitivos, educacionais e culturais. Estes encontram-se associados não podendo ser isolados em categorias estanques. Os fatores hormonais são colocados facilmente na categoria dos

fatores fisiológicos, no entanto existem outros fatores frequentemente referidos quando se fala de sexualidade humana que, apesar de terem uma componente fisiológica, são fortemente influenciados pela componente psicológica, como é o caso do desejo e do prazer físico (Johnson, 1997).

Fonseca (2005, p. 97) refere que é necessário entender o desenvolvimento psicológico na infância para percebermos o que se passa na adolescência. Segundo a autora, a sexualidade está presente desde a infância, uma sexualidade não erotizada que irá sendo modificada por fatores hormonais, familiares e culturais ao longo desse ciclo de vida. O adolescente que está ciente dos seus próprios valores possui um conhecimento melhor de si, o que o vai ajudar a perceber o que quer, a tomar decisões e a não se deixar manipular pelas pressões dos pares.

Num estudo realizado por Brancal (2007), os motivos evocados para ter relações sexuais variaram entre “para confirmar amor”, o que reforça a importância do relacionamento afetivo e “atração física”. Os motivos mencionados para não ter relações sexuais variaram entre “não se proporcionou” e “por medo de apanhar doenças”, o que revela alguma preocupação com a saúde.

No estudo de Borges, Latorre & Schor (2007), realizado com uma população de 406 adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, verificou-se que os beijos e o namoro se mostraram quase universais na população estudada, provavelmente porque tendem a ocorrer nos primeiros anos da adolescência, ou seja, antes do período compreendido entre os 15 e 19 anos de idade. Esse facto sugere que as primeiras manifestações afetivas, amorosas e, provavelmente, as primeiras experiências pré-sexuais, que normalmente estão presentes em relacionamentos de namoro, ocorrem predominantemente antes dos 15 anos de idade.

Leal & Maroco (2010) consideraram cinco dimensões motivacionais da sexualidade adolescente, nomeadamente, *interdependência relacional*, *hedonismo*, ou seja, a procura egoísta do prazer, *normatividade*, *paixão* e *reprodução*. Os autores fazem referência a vários estudos sobre o tema, nomeadamente os estudos de Askun & Ataca (2007), *apud* Leal & Maroco, 2010), e afirmam que os jovens indicam uma série de motivos para iniciarem a sua intimidade física. As raparigas mencionam mais vezes motivos como o amor e o afeto, enquanto os rapazes apontam mais vezes o prazer físico como principal motivo para o início da atividade sexual.

Neste contexto questionámo-nos em que medida as características sócio demográficas (idade, sexo e o local de residência) condicionam a motivação dos adolescentes para fazer ou não fazer sexo. De forma a dar resposta a esta questão, formulámos o seguinte objetivo: Identificar as variáveis sociodemográficas que influenciam a motivação dos adolescentes para fazer ou não fazer sexo.

Material e métodos

O estudo realizado é de natureza quantitativa, não experimental, transversal e descritivo-correlacional. Na sua realização utilizou-se o questionário aplicado pelo Projeto de Investigação “Monitorização de Indicadores de Saúde Infantojuvenil: Impacto na Educação para a Saúde”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, e que é composto por um grupo de questões de caracterização sociodemográfica e sexual e pela “Escala de Motivação para Fazer ou não Fazer Sexo” de Leal & Maroco (2010), que permite avaliar a motivação que impele os adolescentes para fazer ou não fazer sexo. A colheita dos dados decorreu entre Maio e Junho de 2011, após parecer favorável da Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e dos Diretores dos respetivos agrupamentos de escolas. Os professores, encarregados de educação e alunos foram antecipadamente informados das finalidades do estudo, do anonimato dos participantes e da confidencialidade dos dados. Os questionários foram preenchidos em sala de aula, sob supervisão do diretor de turma.

A pesquisa realizou-se numa amostra de adolescentes a frequentar o 3º Ciclo do Ensino Básico regular, durante o ano letivo 2010/2011 em dois concelhos distintos, pertencentes a diferentes zonas do país, Fundão (Beira Interior Norte) e Tabuaço (Trás-os-Montes e Alto Douro). Recorremos a uma amostragem não probabilística por conveniência. A amostra foi constituída por 545 adolescentes, 48,1% do sexo masculino e 51,9% do feminino.

Resultados e discussão

Na revisão da literatura, a motivação sexual é influenciada por vários fatores, quer de cariz sociocultural quer pessoais. A sexualidade está presente na vida do ser humano desde a conceção até à morte, no entanto, é durante a adolescência que passa a ser percebida e vivida de forma mais consciente. Sentir impulso e atração sexual provoca no adolescente um turbilhão de sentimentos e emoções. A passagem do sentir ao agir é condicionada por diversos fatores sociais, económicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos e religiosos. Identificar em que medida alguns desses fatores (idade, sexo e local de residência) condicionam a motivação dos adolescentes para fazer ou não fazer sexo, pode ser um contributo importante, permitindo delinear estratégias de intervenção que possam contribuir para a capacitação do adolescente na tomada de decisões com assertividade.

Após análise dos resultados, verificámos que os adolescentes apresentavam uma idade mínima de 12 anos e máxima de 18 anos nos dois sexos. Relativamente ao sexo masculino, verifica-se uma média de idade de 14,07 (Dp=1,31) e no sexo feminino de 13,83 (Dp=1,19). O coeficiente de variação indica dispersão fraca em torno do valor médio. Quanto aos valores de simetria, constata-se que a amostra segue uma

distribuição assimétrica positiva com curvas normocurticas com tendência a enviesar à esquerda. O teste de aderência à normalidade de *Kolmogorov-Smirnov*, dado apresentar uma significância de $p=0,000$, permite-nos afirmar que a variável idade segue uma distribuição não normal para a totalidade da amostra e para ambos os sexos.

Relação entre as variáveis sociodemográficas (sexo, idade, escolaridade, local de residência) e a motivação para fazer ou não fazer sexo

O nosso estudo pretende analisar a relação entre as variáveis sociodemográficas e a motivação dos adolescentes para fazer ou não fazer sexo.

Verificamos que, no que diz respeito ao sexo, os índices médios mais elevados se situam no sexo masculino. Relativamente às subescalas analisadas isoladamente, verificamos que também o sexo masculino apresenta índices médios mais elevados em todas as subescalas, à exceção da *interdependência relacional* em que são as raparigas que apresentam uma média mais elevada (Média=9,756; $p=0,000$).

O teste de Levene revela igualdade de variâncias em todas as subescalas exceto no que se refere à da *interdependência relacional* e na *motivação global para não fazer sexo* ($p=0,002$). O teste de t de *Student* entre os diferentes itens da escala de motivação e o género dos adolescentes apresenta diferenças altamente significativas em todas as subescalas ($p=0,000$) (cf. tabela 1).

Diversos estudos afirmam que existem diferenças entre o sexo masculino e feminino no que se refere à motivação sexual. Todos os estudos consultados sobre a temática da sexualidade e mais concretamente sobre a motivação sexual são consensuais quando referem haver diferenças entre os dois sexos (Leigh, 1989; Voeten, Egesah & Habbema, 2004; Johnson & Tyler, 2007; Brancal, 2007).

Destacamos alguns estudos, um deles realizado com um grupo de 202 pré-universitários, através de entrevistas telefónicas, com o objetivo de identificar os motivos para ter ou não ter atividade sexual e verificou-se que os rapazes valorizam mais os motivos pessoais, enquanto as raparigas valorizam mais os motivos relacionados com a interdependência relacional, ou seja, solidariedade com a opinião do outro (Patrick, Maggs & Abar, 2007). Um outro estudo realizado por Dawson, Shih, Moor, & Shrier, (2008), sobre as razões pelas quais os adolescentes e jovens adultos têm sexo, apurou que os jovens do sexo masculino e feminino podem ter diferentes razões para fazer sexo. As raparigas mais jovens evocam razões, como a ansiedade, para fazer sexo e os rapazes com baixa autoestima apontam razões de intimidade e desejo. Também outro estudo refere existirem diferenças reais entre a motivação sexual dos homens e das mulheres, sendo as mulheres motivadas pela busca de estabilidade e realização de vínculo estável, enquanto os homens parecem motivados pelo hedonismo (Rodrigues, 2009).

Tabela 1 – Teste t de Student entre os diferentes itens da escala de motivação e o sexo

Sub-escalas	Sexo	Masc.		Fem.		Levene's p	t	p
		\bar{x}	Dp	\bar{x}	Dp			
hedonismo e saúde		22,030	6,811	16,120	6,484	0,214	10,377	0,000
interdependência relacional		9,187	2,995	9,756	3,340	0,020	-2,088	0,000
por medo		14,064	4,850	13,374	4,730	0,968	1,682	0,000
conservadorismo/desinteresse		5,862	1,898	5,215	1,588	0,061	4,326	0,000
porque é imoral		2,732	1,317	2,130	1,240	0,477	5,493	0,000
motivação para fazer sexo		27,893	8,020	21,335	7,354	0,460	9,957	0,000
motivação par não fazer sexo		19,927	5,889	18,590	5,566	0,002	2,725	0,000

Para apurar da associação entre a motivação para fazer sexo e a idade, foi efetuada uma análise de variância. Verificou-se que são os adolescentes que têm idades superiores ou iguais a 15 anos que apresentam índices médios mais elevados relativamente à motivação para fazer sexo (Média =24,72), e os que têm idades iguais ou inferiores a 13 anos apresentam índices médios mais elevados na motivação para não fazer sexo (Média=19,50).

Ao analisarmos as subescalas isoladamente, constatamos que *hedonismo e saúde* é a subescala que apresenta índice médio mais elevado (Média=19,21) nos que têm idade ≥ 15 anos, e as restantes subescalas apresentam índices médios mais elevados nos que têm idade ≤ 13 anos. Contudo os resultados não revelam diferenças estatísticas significativas em nenhuma faixa etária (cf. tabela 2).

Tabela 2 – Análise de variância entre os diferentes itens da escala de motivação e idade

Variáveis	Idade ≤ 13		14		≥ 15		F	p	% VE
	\bar{x}	Dp	\bar{x}	Dp	\bar{x}	Dp			
hedonismo e saúde	19,06	7,38	18,60	7,05	19,21	7,37	0,338	0,714	0,124
interdependência relacional	9,70	3,35	9,40	3,14	9,29	3,02	0,815	0,443	0,300
por medo	13,91	5,21	13,54	4,76	13,61	4,29	0,314	0,730	0,116
conservadorismo/ desinteresse	5,58	1,79	5,46	1,80	5,51	1,71	0,224	0,799	0,195
porque é imoral	2,49	1,31	2,40	1,29	2,35	1,33	0,529	0,529	0,169
motivação para fazer sexo	24,65	8,85	24,60	5,65	24,72	8,40	0,328	0,720	0,120
Motivação para não fazer sexo	19,50	6,30	19,01	12,71	19,13	5,17	0,374	0,688	0,137

Após a análise de variância da motivação para fazer ou não fazer sexo e o ano de escolaridade, apurámos que os índices médios mais elevados se situam na motivação para fazer e para não fazer sexo nos adolescentes que frequentam o 8º ano de escolaridade (Média=25,24) e (Média=19,85), respetivamente.

Quando analisamos cada subescala por si, observamos que os motivos relacionados com *Interdependência relacional*, por *medo* e porque *é imoral*, apresentam índices médios mais elevados nos alunos a frequentar o 8º ano e os motivos relacionados com *hedonismo e saúde* e *conservadorismo/desinteresse* apresentam índices médios mais elevados nos que frequentam o 7º ano de escolaridade.

Na motivação para não fazer sexo, foram encontradas diferenças estatísticas significativas entre os alunos do 8º e 9º ano de escolaridade ($p=0,040$), na subescala por *medo* e *porque é imoral*; existe igualmente significância estatística entre os diferentes anos de escolaridade que os adolescentes frequentam ($p=0,001$) (cf. tabela 3).

Tabela 3 – Análise de variância entre os diferentes itens da escala de motivação e a escolaridade

Escolaridade Variáveis	7º ano		8º ano		9º ano		F	p	% VE	Post Hoc (f)		
	\bar{x}	Dp	\bar{x}	Dp	\bar{x}	Dp				1 vs 2	1 vs 3	2 vs 3
hedonismo e saúde	18,84	7,50	19,64	6,94	18,43	7,26	1,374	0,254	0,505	0,565	0,858	0,230
interdependência relacional	9,53	3,38	9,79	3,00	9,15	3,18	1,968	0,141	0,721	0,733	0,505	0,121
por medo	13,90	5,26	14,25	4,75	13,04	4,38	3,297	0,038	1,202	0,772	0,212	0,035
conservadorismo / desinteresse	5,61	1,90	5,60	1,65	5,38	1,77	0,976	0,377	0,359	0,995	0,446	0,472
porque é imoral	2,54	1,33	2,61	1,33	2,14	1,23	7,515	0,001	2,698	0,878	0,001	0,001
sub-escalas de motivos para fazer sexo	24,45	8,76	25,24	7,98	23,82	8,32	1,406	0,246	0,515	0,661	0,753	0,215
sub-escalas de motivos para não fazer sexo	19,52	6,38	19,85	5,73	18,43	5,17	3,253	0,039	1,186	0,851	0,178	0,040

Quando analisada a relação entre a variável ‘concelho de residência’ e cada uma das subescalas consideradas isoladamente, constatamos que as dimensões *interdependência relacional* e *conservadorismo/desinteresse* apresentaram ordenações médias mais elevadas no concelho do Fundão, enquanto as subescalas *hedonismo e*

saúde, por medo e porque é imoral apresentaram ordenações médias superiores no concelho de Tabuaço.

Encontrámos diferenças estatísticas significativas na subescala *porque é imoral* ($p=0,047$) e bastante significativas relativamente à subescala *por interdependência relacional* ($p=0,009$) (cf. tabela 4).

Pelos valores de significância obtidos, podemos inferir que a motivação dos adolescentes de Tabuaço para fazer ou não sexo é mais influenciada por fatores de ordem moral, enquanto a dos adolescentes do Fundão está mais associada a fatores de interdependência relacional, ou seja, solidariedade com a opinião do outro.

Tabela 4 – Teste de Mann-Whitney entre os diferentes itens da escala de motivação e o concelho

Factores	Concelho		UMW	p
	Fundão	Tabuaço		
hedonismo e saúde	270,56	278,98	29628,50	0,570
interdependência relacional	284,07	245,89	26290,00	0,009
por medo	269,47	281,64	29207,50	0,409
conservadorismo /desinteresse	275,40	267,13	29645,00	0,566
porque é imoral	264,94	292,73	27455,50	0,047
motivação para fazer sexo	270,27	279,68	29518,00	0,526
motivação para não fazer sexo	270,74	278,53	29698,50	0,598

Relativamente ao local de residência dos adolescentes, os que residem em aldeias apresentaram valores médios mais elevados na motivação para fazer e para não fazer sexo, enquanto os que residem em vilas, os valores médios mais elevados dizem respeito à subescala *hedonismo e saúde, por medo e porque é imoral*. As subescalas *interdependência relacional* e *conservadorismo/desinteresse* apresentaram valores de ordenação média mais elevados nos que vivem em cidades, porém, dentro dos dois concelhos estudados, a relação entre a zona de residência e a motivação para fazer e para não fazer sexo não demonstram diferenças estatísticas significativas (cf. tabela 5).

Também num estudo realizado no Quénia com 584 adultos jovens, com idade entre 15 a 29 anos, onde se procurou saber se o comportamento sexual variava consoante o meio onde viviam, rural ou urbano, se verificou que os jovens do sexo feminino apresentavam comportamento sexual mais arriscado em meio urbano do que

em meio rural, enquanto o sexo oposto apresentava comportamento sexual arriscado, quer em meio rural quer urbano (Voeten, Egesah, & Habbema, 2004).

Tabela 5 – Teste de Mann-Whitney entre os diferentes itens da escala de motivação e o local de residência

Variáveis	Morada	Ord. Média			UMW	p
		Aldeia	Vila	Cidade		
hedonismo e saúde		269,99	272,98	268,34	0,052	0,974
interdependência relacional		265,96	261,63	281,84	1,422	0,491
por medo		273,26	279,69	258,81	1,334	0,513
conservadorismo / desinteresse		269,67	255,98	278,46	1,296	0,523
porque é imoral		265,09	278,76	273,75	0,753	0,686
motivação para fazer sexo		270,14	269,97	269,77	0,001	1,000
motivação para não fazer sexo		273,65	270,89	263,06	0,486	0,784

Conclusões

No nosso estudo verificou-se que o género influencia a motivação para fazer ou para não fazer sexo. Os rapazes são os que se apresentam mais motivados para o sexo, sendo os motivos apontados: *hedonismo e saúde*, *por medo*, *conservadorismo/desinteresse* e *porque é imoral*. De referir que a motivação das raparigas está relacionada com motivos de *interdependência relacional*.

Também a escolaridade está relacionada com a motivação para fazer ou não fazer sexo. Motivos relacionados com a moralidade são evocados pelos adolescentes que frequentam o 7º ano, enquanto os do 9º ano referem o medo e aspetos morais na motivação para não fazer sexo.

Estamos certos que os resultados obtidos neste estudo estão longe de esgotar a investigação sobre o tema, no entanto, acreditamos que poderão contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos sobre esta temática. Conhecer os fatores que influenciam a motivação dos adolescentes para fazer ou não fazer sexo permitirá aos pais e profissionais desenvolver estratégias de intervenção dirigidas às suas reais necessidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borges, A. & Fujimori, E. (Orgs.) (2009). *Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica*. 1ª ed. S. Paulo: Manole L^{tda}.
- Borges, A., Latorre, M. & Schor, N. (2007). Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do Município de São Paulo, Brasil. *Cadernos Saúde Pública*. 7(23): 1583-1594. Retrieved 28 junho de 2011, from: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n7/09.pdf>>.
- Brancal, P. (2007). *As Vivências dos Jovens Adolescentes da Beira Interior*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. Tese de Mestrado em Educação Social.
- Dawson, L., H., Shih, M., Moor, C., & Shrier, L. (2008). Reasons Why Adolescents and Young Adults Have Sex: Associations With Psychological Characteristics and Sexual Behavior. *Journal of Sex Research*, 3(45): 225-232. Retrieved 20 junho de 2011, from +
- Fonseca, H. (2005). *Compreender os Adolescentes - Um desafio para pais e educadores*. 4ª Ed. Barcarena: Editorial Presença.
- Johnson, K. & Tyler, K. (2007). Adolescent sexual onset: an intergenerational analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, 7(36): 939-949. Retrieved 29 junho de 2011, from: <<http://www.springerlink.com/content/p86412573k14132m/fulltext.pdf>>.
- Johnson, K. (1997). Human Sexual Motivation. *California State University, Northridge*. Retrieved 20 de junho 2011, from: <<http://www.csun.edu/~vcpsy00h/students/sexmotiv.htm>>.
- Lakshmi, P., Gupta, N., & Kumar, R. (2007). Psychosocial Predictors of Adolescent Sexual Behavior. *Indian Journal of Pediatrics* 10(74): 923-926. Retrieved 29 junho de 2011, from: <<http://www.springerlink.com/content/a04671w172u45561/fulltext.pdf>>.
- Leal, I. & Maroco, J. (2010). *Avaliação em Sexualidade e Parentalidade*. Porto: Legis.
- Leigh, B. (1989). Reasons for Having and Avoiding Sex: Gender, Sexual Orientation, and Relationship to Sexual Behavior. *Journal of Sex Research*, 2(26), [Abstract]. Retrieved 28 de abril de 2011, from: <<http://www.jstor.org/pss/3813016>>.
- Marques, A. C. (2009). Os homens não são iguais e todas as mulheres não são iguais: representações dos jovens sobre sexualidade. *Centro de investigação e estudos de sociologia, e-Working Paper n° 76*. Retrieved 14 maio de 2011., from: <<http://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/1537/1/CIES-WP76%20Marques.pdf>>.
- Nelas, P., Fernandes, C., Ferreira, M., Duarte, J., & Chaves, C. (2010). Construção e validação da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (AFSA). In Teixeira, Filomena, Martins, Isabel P., Ribeiro, Paulo Rennes Marçal, Chagas, Isabel, Maia, Ana Cláudia Bortolozzi, Vilaça, Teresa, Maia, Ari Fernando, Rossi, Célia Regina & Melo, Sónia Maria Martins (Org.). *Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigação e práticas*. Edições CIEd – Centro de investigação em Educação, Universidade do Minho, pp. 180-184. Retrieved 2 maio de 2011, from: <http://www.fpccsida.org.pt/images/stories/Livro_I_CISES.pdf>.
- Nodin, N. (2002). *Sexualidade de A a Z*. Lisboa: Bertrand.
- Patrick, M., Maggs, J. & Abar, C. (2007). Reasons to have sex, personal goals, and sexual behavior during the transition to college. *Journal of Sex Research*, 3(44):240-249. Retrieved 28 junho de 2011, from: <<http://www.thefreelibrary.com/The+Journal+of+Sex+Research/2007/August/1-p547>>.
- Pinto, M. (2009). *Intimidade em adolescentes de diferentes grupos etários*. Lisboa: Alto-comissariado para a imigração e diálogo intercultural. Retrieved 14 Maio de 2011, from: <http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/tese_25.pdf>.
- Reis, M. & Matos, M. G., (2008). Contraceção em jovens universitários portugueses. *Análise Psicológica*, 1 (XXVI), 71-79. Retrieved 14 Maio de 2012, from <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v26n1/v26n1a06.pdf>>.
- Rodrigues, A. (2009). *Os jovens e a sexualidade: uma visão construcionista*. Porto: Universidade Fernando Pessoa. Retrieved 14 maio de 2011, from <https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/1571/3/dm_anarodrigues.pdf>.
- Sprinthall, N., & Sprinthall, R. (2001). *Psicologia educacional: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Tadin, A. P., Rodrigues, J. A. E., Dalsoquio, P., Guabiraba, Z. R. & Miranda, I. T. P. (2005). O Conceito de Motivação na Teoria das Relações Humanas. *Maringá Management: Rev. de Ciências Empresariais*, 1(2): 40-47. Retrieved 2 junho de 2011, from: <<http://www.maringamanagement.com.br/novo/index.php/ojs/article/viewFile/36/19>>.

- Taquette, S. (1997) . *Iniciação Sexual da Adolescente: o desejo, o afeto e as normas sociais*. Tese de doutorado. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de S. Paulo. Retrieved 2 junho de 2011, from <www.nesa.uerj.br/download/TESE_STELLA.pdf>.
- Unesco (2010). *Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde*. Retrieved 7 de abril de 2011, from: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001832/183281por.pdf>>.
- Vilar, D. & Ferreira, P. (2009). A educação sexual dos jovens portugueses - conhecimentos e fontes. *Revista Educação Sexual em Rede*, 5: 2-53. Retrieved em 14 junho de 2011, from: <<http://www.apf.pt/?area=002&mid=004&sid=004>>.
- Voeten, H., Egesah, O. & Habbema, J. (2004). Sexual behavior is more risky in rural than in urban areas among young women in Nyanza province, Kenya. *Sexually Transmitted Diseases*, 8 (31), Retrieved 27 agosto de 2011, from: <<http://globalhealthsciences.ucsf.edu/PPHG/surveillance/CDC-marps/resources/multi-stage-cluster/7.pdf>>.

Recebido: 25 de fevereiro de 2012.

Aceite: 25 de setembro de 2013.